

Exmo. Senhor Presidente da FML (Prof. Doutor Fausto Pinto) e seus representantes, Presidente da Sociedade Portuguesa de Ortopedia, Prof. Doutor Fernando Fonseca, Diretor do Serviço de Ortopedia, Prof Dr. Jacinto Monteiro, senhoras e senhores

Depois de ler a carta que o Prof Rodrigues Gomes enviou permitam-me também que diga algumas palavras.

É um privilégio estar hoje aqui nesta sessão comemorativa dos 100 anos do nascimento do Prof. Jorge Mineiro e é com muito orgulho que o faço. Os oradores que me antecederam exprimiram de uma forma eloquente o carácter e as virtudes que definiram a personalidade do Prof Mineiro.

Torna-se por isso difícil não me repetir, mas não é demais salientar as qualidades de um homem que influenciou tantas gerações de ortopedistas ao longo dos anos pelo exemplo que a sua vida constituiu para todos nós.

Quando fui convidado para proferir algumas palavras sobre a figura do Prof. Doutor Jorge Mineiro é impossível separar a vida do médico, cirurgião, professor da ligação pessoal que se estabeleceu muito cedo nos anos 70 quando me encontrava no 3º ano da faculdade.

Como seu discípulo mais novo, tive a felicidade de privar com o Prof. Mineiro nos últimos 5 anos da sua vida e com isso aprender a cimentar os princípios da Ortopedia. Foram apenas 5 anos, mas cruciais para quem iniciava a formação como médico.

Tive a infelicidade de perder o meu Pai aos 15 anos depois de uma doença prolongada, o que nos deixou em condições económicas difíceis, e com algumas dificuldades na progressão dos meus estudos. Proporcionou-se então conhecer o Prof. Mineiro através de um amigo, por sinal também amigo dos filhos do Pro., estava eu então no 3º ano da faculdade. A primeira vez que conheci o Prof. Mineiro foi na sua casa de Queluz. O ir a casa do Sr. Prof. que não conhecia de lado nenhum criou-me uma ansiedade enorme pelo respeito que inculcia.

Esse medo inicial dissipou-se imediatamente ao primeiro contacto, pois a maneira como fui recebido, a vontade de saber as minhas dificuldades e a forma como me abriu o futuro, tiveram um impacto enorme na progressão da minha carreira que ainda hoje prevalece. Ao saber do meu interesse pela fotografia e das minhas capacidades técnicas nesse domínio e percebendo as dificuldades em que me encontrava, o seu lado humano transcendeu com o convite para ocupar a vaga de fotógrafo do serviço de ortopedia que tinha ficado disponível. Este gesto permitiu-me encarar o futuro de uma forma desafogada e concentrar-me na minha educação com um trabalho ligado á minha atividade.

É verdade que vinha de uma família de cirurgiões sendo um dos meus tios, o Dr. Azevedo Gomes, o grande rival do Prof Mineiro que na altura juntamente com o Dr. Paiva Chaves e o Dr. Serra e Costa eram os expoentes da Ortopedia em Lisboa. Mas não foi na família que encontrei o meu apoio, mas sim no abraço amigo do Professor Mineiro que me apoiou e incentivou a percorrer o meu próprio caminho.

E foi com uma vontade enorme que bebi cada ensinamento. Mas mais do que tudo fiquei impressionado pela sua capacidade para ouvir os mais novos incluindo eu, um mero aluno... A sua humildade transparecia em cada momento, mas a sua energia era contagiante. Exigente é certo, mas sem nunca exigir nada que não pudesse ser exigido a ele próprio.

Como fotógrafo do serviço tive a oportunidade de colaborar nos seus artigos e apresentações preparando a iconografia. Algumas das pessoas aqui presentes lembrarão com certeza com um sorriso nos lábios, os anos 70 em que não existia Internet, computadores pessoais, Windows, Excel, PowerPoint... Os arquivos eram manuais, os slides eram de produção artesanal. A pressão era enorme e não várias vezes corri para o aeroporto para entregar os últimos slides para uma conferência internacional, mas sempre com a gratidão de sentir que fazia parte da equipa. Foi com esta sensação que as dúvidas sobre a especialidade a seguir se começaram a dissipar, e a ortopedia tornou-se o meu horizonte.

Segundo o grande filósofo e escritor inglês Gilbert Keith Chesterton há ***grandes homens que fazem com que todos se sintam pequenos. Mas o verdadeiro grande homem é aquele que faz com que todos se sintam grandes.*** Infelizmente a sua morte precoce impediu-me de lhe agradecer pessoalmente o que me fez sentir, que também poderia ser grande.

Acabada a minha formação fui convidado para ajudar o Prof. Mineiro na sua clínica privada como seu assistente. Sem dúvida que este momento constituiu um privilégio: a possibilidade de fazer a história clínica e o exame do doente, estabelecer um diagnóstico provisório e discutir com o Mestre

foi uma experiência muito enriquecedora pois tive a oportunidade de aprender pequenos truques ao ouvir os doentes, a saber como examinar e como desenvolver o raciocínio no diagnóstico das doenças do aparelho locomotor. Por exemplo, e este é apenas um de entre muitos, um dos métodos por mim utilizados hoje no tratamento da Doença de Perthes é baseado nas discussões que tivemos nessa altura.

A maneira como me sentia á vontade foi o resultado da forma como o Prof. lidava comigo, sempre aberto a ouvir o miúdo... Da fotografia á humanização foi um passo enorme que o Professor me incentivou a percorrer.

Foi também uma oportunidade única poder assisti-lo nas intervenções cirúrgicas. Era um cirurgião exímio, com uma capacidade enorme em tornar fácil o que parecia difícil e uma apetência para encarar as complicações com naturalidade. Ao longo da minha carreira tive a oportunidade de operar com vários cirurgiões por esse mundo fora, alguns brilhantes, mas poucos com a capacidade do nosso MESTRE.

Falando agora no aspeto profissional aquilo que mais me impressionou foi a sua visão organizativa. Todos nós médicos (especialmente cirurgiões) sabemos da aversão que temos á parte administrativa e como é difícil lidar no nosso dia-a-dia com a burocracia. A nossa natureza impele-nos para a prática médica e outras tarefas são consideradas secundárias. Nos anos 70 estávamos ainda longe dos arquivos digitais que são o apanágio dos arquivos modernos. Chegado de Oxford, percebeu que a base de sustentação de um serviço se apoia na existência de uma base de dados

completa de todos os doentes tratados no serviço permitindo assim a análise fundamentada dos tratamentos efetuados. Foi a sua visão e perseverança na aquisição de uma base de dados de todos os exames radiográficos com os resultados pré e pós-operatórios que constituíram a pedra basilar do Serviço de Ortopedia do Hospital Santa Maria e lançaram as bases para o seu crescimento com uma cultura sistematizada da análise. Esta cultura, vanguardista na altura, iniciada pelo Prof Mineiro e transmitida aos seus colaboradores, prevalece ainda hoje em todos nós.

E foi neste primeiro trabalho que comecei a admirar as suas qualidades como médico, cientista e investigador. A base da ciência vem da análise da atividade do serviço e isso manifestou-se pela maneira como organizou o arquivo do serviço.

Além desta parte organizativa o empenho na formação dos internos e colaboradores com reuniões constantes, ações de formação, estímulo da atividade científica que passou de geração em geração e constitui hoje um dos apanágios do Serviço de Ortopedia do HSM.

Grande parte da minha vida profissional foi passada nesta casa e estes fundamentos organizativos, educacionais e científicos me pareciam transversais a todos os serviços. Contudo nos últimos anos como Diretor do Serviço de Ortopedia do Hospital de Dona Estefânia tive a oportunidade de receber internos de todo o País. Lamento dizê-lo e a intenção não é ofender ninguém, mas as qualidades técnicas e científicas dos internos oriundos do Hospital Santa Maria encontra-se acima da média o que comprova que o ADN lançado 4 décadas atrás pelo Prof. Mineiro continua bem vivo.

À parte da minha relação profissional com o Professor considero-me amigo dos filhos Clara, Mané, Madalena e Jorge. Este fato dá-me muita alegria e felicidade e espero que o sintam da mesma forma que eu. Tivemos a oportunidade de conviver em Queluz e no Tramagal, repasto de repouso e berço da família. Seria incontornável não mencionar a Dra. Manuela Mineiro, sua esposa, e acreditem não é um cliché ela era a grande mulher por trás do grande homem.

Os dias no Tramagal tornaram-se inesquecíveis pelo convívio, discussão de ideias á volta da lareira e sempre como base a música. Estávamos em pleno pós 25 de Abril com grandes transformações na sociedade e por isso as discussões eram constantes. Lembro-me no dia 28 de Setembro de 1974, em plena luta da maioria silenciosa, estávamos nós em amena cavaqueira cantando e rindo quando fomos alertados pelo Professor para o que se estava a passar em Lisboa. A nossa juventude e falta de experiência toldava-nos a objetividade... A maneira como fomos confrontados fez-nos crescer num ápice, e constituiu um ensinamento para como estarmos na vida... Não basta estar é preciso saber estar!

Caros Clara, Jorge Mané e Madalena. Tive o gosto de crescer ao vosso lado mas acima de tudo de ter tido na figura do vosso Pai um exemplo na forma de estar, de lidar, de compreender. Provavelmente a minha vida teria sido totalmente diferente se naquele domingo de Setembro de 1973 uma mão não me tivesse dado a oportunidade de entrar no mundo da Ortopedia.

Mas como filhos nada melhor do que saber que o vosso Pai deixou um “legado” não só na ortopedia mas acima de tudo na humanidade que deixou em cada um de nós...

Um obrigado a todos por me terem escutado

Manuel Cassiano